

Política social no capitalismo tardio

Elaine Rossetti Behring –

Cortez, São Paulo, SP, 1998

por Inez Terezinha Stampa¹

Analisar a complexa relação que se estabelece entre a política social e o capitalismo não é tarefa simples, sobretudo quando se busca compreender as contradições existentes em tal processo. Elaine Behring enfrentou o desafio, encarando-o a partir da crítica da economia política marxista contemporânea.

Este caminho teórico e metodológico baseia-se numa concepção de política social que refuta a polêmica economicismo *versus* politicismo e o estatismo, comuns em diversas abordagens. Ao contrário, a autora opta por uma reflexão que contemple a “objetividade da história (lei do valor) como sendo constituída pela vontade dos sujeitos” (p. 24). É interessante a utilização que faz de tal categoria para explicar a produção das coisas e das relações sociais no capitalismo, demonstrando o vínculo dialético entre a operação da lei do valor e os sujeitos políticos e, conseqüentemente, que não pode haver, nesse sistema de produção, economia destituída de política ou política destituída de economia. Em outras palavras ela explica “este fenômeno (a política social) em articulação com outras estratégias político-econômicas” (p. 167).

O livro apresenta uma alternativa crítica às abordagens correntes, uma análise das políticas sociais com base na crítica marxiana da economia política - onde as esferas da produção e do consumo não se dissociam - buscando desvelar as tendências do capitalismo contemporâneo, com o corte histórico da Segunda Guerra Mundial, a partir da qual ocorrem os mais diversificados padrões de proteção social no mundo capitalista.

¹ Mestranda em Serviço Social pela PUC-Rio.

No trabalho de análise e reflexão que empreende, estabeleceu interlocuções com autores da tradição marxista, como Baran e Sweezy (período de ascenso do capital e as conseqüentes contradições do processo), Boccara (conceito de capitalismo monopolista de Estado), James O'Connor (crise fiscal do Estado) e Ernest Mandel (conceito de capitalismo tardio, periodização mandeliana). Além desses, trabalhou também com a escola de regulação francesa, representada por Michel Aglietta (mediações entre a reprodução e a crise do capitalismo) e com David Harvey (acumulação flexível). Resgatou na obra de cada um desses autores as principais contribuições e apontou suas lacunas, de acordo com a perspectiva de totalidade que ela adota.

Enquanto as contribuições foram suficientemente demonstradas, os lapsos foram apenas referenciados, sem uma crítica maior dos problemas que advêm deles. Seria mais interessante se a autora tivesse realizado uma análise mais acurada dessas lacunas. Contribuiria, por certo, para que não se continuasse a simplesmente transpor o quadro teórico-conceitual daqueles autores para uma realidade, como a do Brasil nessa virada de milênio, que é cada vez mais complexa.

Dado esse pressuposto de lacunas, Elaine optou por adotar como referência prioritária a obra de Mandel, ainda que aproveitando algumas contribuições dos demais autores visitados.

A categoria capitalismo tardio, na perspectiva de Mandel, foi considerada principal para a análise, por referir-se ao capitalismo na sua maturidade (o que põe ainda mais em evidência as suas contradições) e por "se afigurar como a mais completa e, sobretudo, metodologicamente adequada para uma interpretação das tendências de crise do capitalismo em curso a partir de fins da década de 70" (p. 163).

Além disso, ao trabalhar com a periodização mandeliana que diferencia os períodos de "ondas longas com tonalidade de crescimento e as ondas longas com tonalidade depressiva" (p. 164), a autora oferece elementos para o entendimento das crises cíclicas do capitalismo e para a problematização das políticas sociais no decorrer do desenvolvimento daquele modo de produção, situando sempre a historicidade das mesmas. Para enriquecer a reflexão, a autora faz uma passagem pelo keynesianismo, pelo *New Deal* e pela Guerra Fria. Aí reside uma precioso

sa contribuição para o debate sobre o tema, a possibilidade de se relacionar a política social e a crise do capitalismo contemporâneo.

A longa análise dos problemas gerados pelos momentos de expansão e estagnação do capitalismo nas suas várias fases de desenvolvimento, demonstra como o capital tem se reproduzido no âmbito da contradição que ele mesmo cria. Nesse contexto, a autora situa a política social como uma estratégia econômica e política, quando contempla também a necessidade de reprodução dos trabalhadores e a própria legitimação do capital. Observe-se que a reflexão utiliza-se, também, do "terreno da luta de classes" (p. 175), fundamental para essa discussão.

Além disso e como complemento à reflexão para a abordagem dos problemas que a contemporaneidade coloca, as propostas de David Harvey (A Condição Pós-Moderna) foram consideradas relevantes, sobretudo a discussão sobre a crise e as transformações capitalistas em curso a partir da década de 1970. Tais mudanças vão demarcar a passagem para um novo regime de acumulação dentro do mesmo sistema produtivo, e Elaine demonstra como isso delineia novos contornos para a política social.

Nesse ponto retoma, ainda que sucintamente, a discussão sobre a centralidade do trabalho, a reestruturação produtiva, a globalização, o neoliberalismo e a crise fiscal do Estado, ao tratar o que chama de "uma ofensiva reação burguesa" (p. 175), em curso atualmente.

Sem dúvida, as contribuições da autora para a discussão do tema da política social são muito relevantes. Além de renovar o debate acadêmico, sobretudo no interior do Serviço Social, demonstra uma atitude corajosa ao enfrentá-lo a partir de uma perspectiva totalizante, quando os apelos e modismos da dita pós-modernidade clamam pela fragmentação e superficialidade. A análise apresentada por Elaine alarga um campo fecundo em possibilidades para pesquisas e debates, tão necessários nesse momento em que "o capitalismo nunca foi tão capitalista e suas contradições nunca foram tão explícitas" (p. 187).